

Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// O curioso da situação em que a nossa economia se encontra é que há um consenso generalizado em torno do que deve ser feito: ajuste para menos

Efeito dominó

Em economias complexas, maduras e mais estáveis ou previsíveis em seus movimentos, o consenso sobre o futuro mais próximo ou até mais longínquo é formado com muito mais facilidade do que em economias menos maduras e mais frágeis, mesmo que com certo grau de complexidade.

Pertence a esse segundo grupo a economia brasileira, sobretudo em anos mais recentes, principalmente pelo fato de não oferecer ancoragem que possa servir de suporte mais firme para a formação de consensos mais sólidos para suportar decisões de empresas e pessoas no dia a dia. Temos, nesse caso, um ambiente propício ao “efeito dominó”.

Mas, que efeito é esse? A origem do conceito provém da analogia com o jogo e expressa a situação em que as peças, quando colocadas em posição vertical e próximas umas das outras, podem ser derrubadas, peça após peça, de forma sequencial, em atos encadeados. Podemos transplantar esse movimento de desmonte para a economia, especialmente quando esta se encontra em situação de queda continuada. Assim, a redução de postos de trabalho e renda nas pontas das cadeias produtivas, como no comércio, por exemplo, provoca, em ato contínuo, impactos

negativos nos seus elos anteriores. Quanto menos vendas nas pontas da cadeia, menor é a produção industrial, menor é a quantidade de produtos a serem transportados, e assim por diante.

O grande desafio está, portanto, em como estancar essas consequências negativas e sucessivas no encadeamento - o efeito dominó -, e reverter o processo de formação de consensos ruins - expectativas - acerca do futuro próximo e também longínquo. Não vamos imaginar que o mercado será capaz disso. Teoricamente, é até possível que aconteça, porém, com grande chance que seja numa situação limite de desastre quase generalizado. Na linha do tempo, seria temerário ensaiar qualquer previsão nessa direção.

No entanto, o curioso da situação em que a nossa economia se encontra é que há um consenso generalizado em torno do que deve ser feito: ajuste para menos. Não deixa de ser um consenso respaldado na racionalidade. Mais subjetiva que objetiva, convenhamos. Aliás, como é mais comum nessas situações. O cardápio predominante, para não dizer totalmente dominante, é caracteristicamente de dieta, ou seja, de restrições de gastos e investimentos.

A essa situação podemos dar o nome de dominância da unanimidade perversa. Que, aliás, já aconteceu em outros momentos da história econômica, como no caso do início da crise da década de 1930. Para essas situações, há somente uma saída, que passa necessariamente pelo campo da política. É a única instância com força capaz de reverter consensos - expectativas - e pavimentar o caminho para um futuro melhor.